



Dez anos após *Amoris laetitia*: *anunciar o Evangelho com as famílias hoje*

Encontro do Santo Padre Leão XIV
com os Chefes das Igrejas Orientais
e os Presidentes das Conferências Episcopais
7-14 de outubro de 2026

[Tradução de trabalho. Original: inglês.]

Nas dificuldades da vida: acompanhar e sustentar

Caminhar com as famílias em situações complexas

Segunda-feira, 12 de outubro de 2026

Prof.^a Julie Hanlon Rubio

A visão e a práxis de *Amoris Laetitia*: dez anos depois

O Papa Leão convida-nos a considerar a fragilidade das famílias de hoje, enquanto recordamos e continuamos a acolher *Amoris Laetitia*. Hoje gostaria de apresentar uma análise da fragilidade da família, explorar as questões teológicas mais profundas que ela suscita e, brevemente, sugerir como esta leitura poderia orientar a práxis de acompanhamento da Igreja.

Em *Amoris Laetitia*, o Papa Francisco abordou o matrimónio e a vida familiar a partir dos seus temas característicos da misericórdia, do acolhimento e do acompanhamento, e de uma visão moral marcada pela complexidade e pelo respeito pela consciência. Creio que ele quis convidar cada católico a uma adesão mais profunda ao discipulado cristão, mas sabia que muitos sentiam que não pertenciam plenamente à Igreja por causa das suas situações familiares. Antes de poderem fazer mais, precisavam de sentir que pertenciam. Talvez seja por isso que os Sínodos sobre a Família e *Amoris Laetitia* tenham precedido o seu trabalho sobre a ecologia, a fraternidade e a sinodalidade. Embora o documento seja mais conhecido pelo controverso capítulo VIII, ofereceu também uma visão positiva do matrimónio, destinada a corrigir a abstração e a negatividade que muitos ainda associam ao ensinamento da Igreja, bem como uma práxis de acompanhamento que ainda não foi plenamente concretizada. Hoje, novas formas de fragilidade exigem tanto uma renovada atenção a esta visão do matrimónio como uma prática mais ampla de acompanhamento.

I. Encontrar a fragilidade

A fragilidade é simultaneamente uma crise e uma característica da nossa humanidade. Em 2026, o matrimónio e a família apresentam novas formas de fragilidade. Como já tivemos ocasião de discutir, a tendência global de afastar-se do matrimónio está a acelerar. As taxas de casamento estão a diminuir em quase toda a parte, das Filipinas à Polónia, da Argentina à África do Sul, dos Estados Unidos ao Japão. Embora mais pessoas se casem mais tarde na vida, verifica-se também uma diminuição da percentagem de pessoas que alguma vez se casam¹. Nos Estados Unidos, em 1980, apenas seis por cento das pessoas de 40 anos nunca tinham sido casadas. Hoje, essa percentagem é de 25 por cento e

¹ Kim Parker and Rachel Minkin, "The Future of the Family," *Pew Research Center*, Sept. 14, 2023, <https://www.pewresearch.org/social-trends/2023/09/14/the-future-of-the-family/>.

as tendências atuais sugerem que a proporção de adultos que nunca se casaram continuará a crescer, talvez até um terço². A diminuição do número de casamentos nos EUA reflete-se em todo o mundo, embora as taxas de declínio sejam desiguais³. Entre os católicos dos Estados Unidos, hoje casam-se muito menos pessoas do que há cinquenta anos e apenas um quarto dos que se casam o fazem dentro da Igreja⁴. Os casamentos católicos estão a diminuir a nível mundial⁵.

As taxas de fecundidade e os batismos também estão a diminuir. Tal como acontece com o matrimónio, os países de rendimento elevado estão frequentemente na vanguarda, enquanto muitos países africanos continuam a apresentar taxas mais elevadas; contudo, os declínios são evidentes mesmo em países como o Quênia, a Ucrânia e a Índia, e nas áreas urbanas de países onde a fecundidade continua relativamente elevada⁶. Os batismos, tal como os casamentos, estão a diminuir, tendo baixado cerca de um terço desde a década de 1990.

As tendências de declínio do matrimónio e da fecundidade, dos casamentos e dos batismos, já chegaram a alguns lugares, estão apenas a emergir noutros e estão a ser resistidas em alguns poucos, mas os historiadores que estudam o desenvolvimento do matrimónio e da família sugerem que o declínio continuará a espalhar-se. Observam uma mudança global do “matrimónio institucional”, organizado pelas famílias e estruturado em torno das necessidades económicas e da criação dos filhos, para o “matrimónio de companheirismo”, centrado no amor⁷. Os matrimónios de hoje são mais recíprocos e mais gratificantes, mas também mais exigentes, menos fecundos e mais frágeis⁸. E parece que estamos a entrar numa nova fase em que o matrimónio é cada vez mais considerado uma opção facultativa.

II. Questões mais profundas

Por que razão tantas pessoas estão a escolher não se casar ou não ter filhos? Há muitas teorias: quando o amor é essencial para o matrimónio, torna-se mais difícil encontrar um parceiro adequado. Alguns procuram e lutam para encontrar “a pessoa certa”, a sua alma gémea. Algumas mulheres rejeitam aquilo que veem à sua volta – matrimónios marcados pela infidelidade e pela violência doméstica que, como disse o Papa Francisco, «contradiz a própria natureza da união conjugal»⁹. De forma particularmente significativa, muitos preocupam-se com a sua própria preparação para o matrimónio e com a preparação dos parceiros disponíveis. A maioria diz que gostaria ainda de se casar algum dia,

² Richard Fry, “A Record-High Share of 40-year-olds in the U.S. Have Never Been Married,” *Pew Research Center*, June 28, 2023, <https://www.pewresearch.org/short-reads/2023/06/28/a-record-high-share-of-40-year-olds-in-the-us-have-never-been-married/>; Francesca A. Marino, “Geographic Variation in Percentage of Mid-Life Never Married Adults,” 2021,” *Family Profile* 13 (2023), National Center for Family & Marriage Research. <https://doi.org/10.25035/ncfmr/fp-23-13>.

³ Bastian Herre, Veronika Samborska, Esteban Ortiz-Ospina, and Max Roser, “Marriage and Divorces,” *Our World in Data*, July 2020, rev. Feb. 25, retrieved from: <https://ourworldindata.org/marriages-and-divorces>, Aug. 19, 2026.

⁴ Mark M. Gray, ed., “Will You Marry? Will It Be in Church? Will Your Spouse Be Catholic? Will It End in Divorce?,” 1964, August 12, 2024, <https://nineteensixty-four.blogspot.com/2024/08/will-you-marry-will-it-be-in-church.html>.

⁵ The number of Catholic weddings fell from 3.8 million in 1991 to just under 2 million in 2020. Carol Glatz, “Vatican Stats: Number of Catholics and Deacons Up, but Priests, Nuns and Baptisms Down,” *America*, Oct. 17, 2024, <https://www.americamagazine.org/faith/2024/10/17/vatican-statistic-decline-baptism-clergy-religious-worldwide-249052/>.

⁶ Glatz, “Vatican Stats.”

⁷ Stephanie Coontz, *Marriage: A History: How Love Conquered Marriage* (Penguin Books, 2006).

⁸ Mark B. Padilla et al. eds., *Love and Globalization: Transformations of Intimacy in the Contemporary World* (Vanderbilt University Press, 2007).

⁹ Francis, *Amoris Laetitia*, no. 154. See also nos. 19, 20, 45, 51, 53, 153, and 156.

mas não tem a certeza de que isso venha realmente a acontecer¹⁰. Alguns desistiram ou preferiram manter as suas opções em aberto. Muitos têm preocupações semelhantes quanto à sua preparação para a parentalidade e, por isso, adiam-na.

É claro que existem outras formas pelas quais o matrimónio é frágil. Como escreveram muitos teólogos casados, o matrimónio exige uma certa medida de esvaziamento de si mesmo ou de conversão, mesmo entre iguais, e isso é assustador¹¹. Os casais católicos, em particular, tendem a viver as suas dificuldades de forma isolada e dificilmente recorrem à sua paróquia em busca de apoio. As forças sociais afastam-nos uns dos outros. Embora as taxas de divórcio tenham estabilizado depois de atingirem o seu auge na década de 1980, continuam a ser elevadas em termos gerais e o «divórcio na terceira idade, ou divórcio grisalho», que ocorre numa fase mais avançada do casamento, está a aumentar¹².

Por que razão esta fragilidade nos diz respeito? Por que razão a Igreja *se preocupa* com o matrimónio? Afinal, Jesus não se casou, nem a maioria dos santos. A maior parte do Novo Testamento tem muito pouco a dizer sobre a vida familiar. Quando Jesus falou sobre a família, levantou questões sobre a sua prioridade em relação ao discipulado¹³.

E, contudo, as narrativas da Criação nos primeiros capítulos do Génesis, lidas à luz das palavras de Jesus sobre o matrimónio (Mt 19,4-6), juntamente com a teologia sacramental, a doutrina social católica e a experiência dos leigos, sugerem que o matrimónio pode ser um lugar relacional privilegiado que “fala” *em, através de e para* nós do amor de Deus. Para sermos claros, outras relações de cuidado também podem falar-nos do amor. Mas a «íntima comunidade de vida e de amor conjugal» é única¹⁴. Nascidos de uma promessa de que o meu amor permanecerá com o outro num futuro que não posso imaginar plenamente, os esposos servem-se mutuamente, servem a Igreja e o mundo através de práticas quotidianas de intimidade, hospitalidade, serviço, dádiva e oração¹⁵. O seu amor é um amor sacramental com dimensões públicas e privadas.

É claro que a Igreja não é constituída apenas por famílias. A vida religiosa ocupa um lugar central. Também as pessoas solteiras são numerosas nas nossas igrejas. Tal como a comunidade dos discípulos que se reunia em torno de Jesus e as parábolas que ele contava, a comunidade católica acolhe não apenas as famílias, mas também uma diversidade de pessoas que assumem uma diversidade de vocações, uma riqueza de formas de amar a Deus e as outras pessoas e de servir o mundo. Mas é importante que o matrimónio seja uma entre estas vocações.

¹⁰ Stephanie Coontz, *For Better and for Worse: The Complicated Past and Challenging Future of Marriage* (Viking Press, 2026).

¹¹ Richard Gaillardetz, *A Daring Promise: A Spirituality of Christian Marriage* (Liguori Publications, 2007); Emily Reimer-Barry, *Catholic Theology of Marriage in the Era of HIV and AIDS: Marriage for Life* (Lexington Books, 2015); Bridget Burke Ravizza and Julie Donovan Massey, *Project Holiness: Marriage as a Workshop for Everyday Saints* (Liturgical Press, 2015).

¹² Susan L. Brown and I-Fen Lin, “The Graying of Divorce: A Half Century of Change,” *Journals of Gerontology, Psychological Science, and Social Science* 77, no. 9 (2022): 1710–20, <https://doi.org/10.1093/geronb/gbac057>.

¹³ Lisa Sowl Cahill, *Family: A Christian Social Perspective* (Fortress Press, 2000), 18–47.

¹⁴ *Gaudium et Spes*, no. 48.

¹⁵ Margaret A. Farley, *Personal Commitments: Beginning, Keeping, Changing*, rev. ed. Orbis Books, 2014); Julie Hanlon Rubio, *Family Ethics: Practices for Christians* (Georgetown University Press, 2010). Julie Hanlon Rubio, “Families Weren’t Perfect in the Bible, but We Can Still Learn from Them,” *America* (June 20–27, 2016).

Em *Amoris Laetitia*, Francisco ofereceu-nos a imagem evocadora de um casal que caminha de mãos dadas, olhando para fora, enquanto trabalha em conjunto pela justiça¹⁶. Sabiam que, se procurarem na internet uma imagem de um “casal a olhar...”, encontraremos inúmeras imagens de um casal a olhar *um para o outro*? É muito mais difícil encontrar uma imagem de um casal a olhar para fora. No entanto, é precisamente isto que nos propõe *Amoris laetitia* – o mais importante ensinamento da Igreja Católica sobre o matrimónio –: uma íntima comunhão de vida entre duas pessoas comprometidas, em conjunto, com algo que as transcende.

Hoje, é mais difícil do que nunca para as pessoas acreditarem no matrimónio («Será que outra pessoa pode realmente amar-me e apoiar-me para sempre? Sou capaz de amar e apoiar outra pessoa? Seremos suficientes um para o outro e para os nossos futuros filhos? E se fizermos tudo isto mal?»), quanto mais acreditarem que o seu matrimónio poderia ser importante para a Igreja e para o mundo. Se as tendências atuais continuarem, mais pessoas ficarão privadas – da profundidade da intimidade com um cônjuge, dos sacrifícios e das alegrias da parentalidade, da criação de um lar aberto, da graça de envelhecer com um companheiro de vida e de amor. Outros ficarão privados dos dons que os lares constituídos por casais casados oferecem. Neste momento, o mundo precisa que a Igreja responda à fragilidade do matrimónio com a sua visão convincente.

No entanto, não quero sugerir que o problema da marginalização que preocupava o Papa Francisco tenha sido resolvido. Ao preparar esta intervenção, ouvi histórias de partir o coração. Uma pessoa contou-me que a sua mãe idosa, sofrendo de demência, quando lhe ofereceram a Eucaristia na Missa, gritou: «Não!» e tapou a boca, porque uma das coisas de que se lembrava era que, como o marido, com quem tinha estado casada durante cinquenta anos, tinha sido casado anteriormente, ela não era digna de receber o Corpo de Cristo. Outra pessoa, quando falei da ênfase do Papa Francisco no acolhimento e no acompanhamento, olhou para mim com incredulidade, pensando no facto de os seus pais não terem ido ao seu casamento e em demasiadas experiências de julgamento e vergonha.

É importante, portanto, que a visão que a Igreja comunica não seja uma visão de perfeição. Francisco falou de como «o facto de o amor ser imperfeito não significa que seja falso ou irreal» e insistiu em que «toda a família, apesar das suas fraquezas, pode tornar-se uma luz na escuridão do mundo»¹⁷. Numa época em que os influenciadores das redes sociais exibem as suas famílias “tradicionais” aparentemente perfeitas, completas com pão caseiro e galinhas, a integração da fraqueza feita por Francisco é crucial. *Magnifica Humanitas* insiste igualmente notando que a fragilidade humana não é um problema a resolver, mas um elemento fundamental da nossa humanidade que deve ser integrado¹⁸. O matrimónio é um lugar que proporciona a estrutura necessária para a vulnerabilidade e o tempo para que os inevitáveis fracassos sejam compensados por tentativas renovadas de amar. A visão de *Amoris Laetitia* do amor conjugal como íntimo e voltado para o exterior, imperfeito, mas real, pode responder à fragilidade do nosso tempo e da nossa humanidade.

O mesmo se pode dizer da sua visão da Igreja como um lugar onde, quando as pessoas não conseguem corresponder plenamente ao ideal proposto, nos ouvem dizer que «a graça de Deus também actua nas

¹⁶ Francis, *Amoris Laetitia*, no. 181.

¹⁷ Francis, *Amoris Laetitia*, no. 113 and no. 66.

¹⁸ Leo XIV, *Magnifica Humanitas*, no.120.

suas vidas» e recebem da nossa parte, na sua fragilidade, um verdadeiro «diálogo pastoral» e um acompanhamento atento e acolhedor. Francisco recordou-nos: «Ninguém pode ser condenado para sempre, porque esta não é a lógica do Evangelho!», e esta lógica deve estender-se a «todos».¹⁹ A atitude pastoral a que nos chamou é a de uma Igreja que «sempre se inclina para compreender, perdoar, acompanhar, esperar e sobretudo integrar».²⁰

Conclusão

Em 2016, o Papa Francisco convidou a Igreja a caminhar com as famílias, especialmente com aquelas que se sentiam excluídas, e ofereceu-lhes uma visão convincente e um apoio concreto. Dez anos depois, uma crise mais profunda marca o matrimónio e a parentalidade, à medida que menos pessoas os escolhem, embora ambos se tenham tornado mais centrados no amor, que a maioria das pessoas continua a procurar. Por baixo destes declínios encontra-se uma fragilidade mais profunda, acompanhada por sentimentos de indignidade e de falta de preparação, pela descrença de que um bom matrimónio e uma boa parentalidade sejam possíveis e por preocupações acerca do compromisso para toda a vida. Esta fragilidade pode ser acolhida como algo essencial à nossa humanidade. O casamento e a família são ecossistemas essenciais para a sustentar. A Igreja pode oferecer uma visão estimulante do casamento como uma parceria íntima orientada para o crescimento no amor e na justiça, que não exige perfeição. Pode ajudar os casais a imaginarem-se rodeados por cristãos com diversas vocações, que percorrem o caminho do discipulado juntamente com eles. Quando chegarem para se casarem, podemos recebê-los à porta de braços abertos, dizer-lhes que a sua é uma vocação desafiante e necessária, e assegurar-lhes que não estão sozinhos.

¹⁹ Francisco, *Amoris laetitia*, n. 297. Hoje, isto inclui certamente as pessoas divorciadas, as famílias monoparentais, as famílias reconstituídas, os casais que vivem em união de facto e as pessoas que se identificam como LGBTQ.

²⁰ Francisco, *Amoris laetitia*, n. 312. Cf. também o n. 305, nota 351.